



PRODUÇÃO ORAL E AVALIAÇÃO NA FORMAÇÃO INICIAL EM LETRAS: A APRESENTAÇÃO DO PÔSTER NOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS

ORAL PRODUCTION AND ASSESSMENT IN THE INITIAL TRAINING OF TEACHING DEGREE IN LANGUAGE AND LITERATURE: POSTER PRESENTATION IN ACADEMIC LITERACIES

Tânia Guedes Magalhães ¹

<https://orcid.org/0000-0003-2298-260X>

Giovana Rabite Callian ²

<https://orcid.org/0000-0001-5219-1134>

Resumo: Apresentamos os resultados de um projeto que buscou analisar a apropriação do gênero apresentação oral de pôster, por graduandos em Letras, em uma prática sistematizada de ensino de gêneros orais em contexto acadêmico. Vinculamo-nos ao Interacionismo Sociodiscursivo e aos Novos Estudos do Letramento, que ressaltam os aspectos socioculturais da linguagem, a partir dos quais discutimos as práticas sociais de linguagem e suas relações com a apropriação de gêneros em contexto de ensino. Como metodologia, foram desenvolvidas várias etapas de trabalho com o gênero pôster e sua apresentação oral em uma disciplina do curso ao longo de um semestre: realização de uma pesquisa pelos graduandos, confecção do pôster e comunicação oral dos resultados, cujos critérios de avaliação foram criados para fins deste projeto. Os dados revelam que houve apropriação dos elementos do pôster, como configurações do gênero impresso e adequação ao contexto científico por todos os grupos. Quanto à apresentação oral, houve apropriação de elementos pela maior parte dos estudantes, como linguagem científica, termos técnicos da pesquisa, gestão do tempo e desenvolvimento de elementos não linguísticos (gestual, corporal e prosódico). O estudo mostra que as etapas de preparação, produção e avaliação do oral propiciam a apropriação do discurso científico, em uma perspectiva contínua e processual da aprendizagem dos gêneros orais em contexto acadêmico.

Palavras-chave: Apresentação de pôster. Gêneros textuais orais. Letramentos acadêmicos. Avaliação da oralidade.

Abstract: This article reports the findings of a project designed to analyze the appropriation of the oral poster presentation genre by undergraduate students in teaching degree in language and literature, within a systematized practice of teaching oral genres in academic context. The study is grounded in sociodiscursive interactionism and in the new literacy studies, which emphasize the sociocultural aspects of language, from which we discuss social language practices and their

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), Brasil.

² Rede Estadual de Educação de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), Brasil.

relationship with the appropriation of genres in educational contexts. As methodology, several stages of work were developed with the poster genre and its oral presentation in a course throughout one semester: conducting research by the undergraduates, designing the poster, and orally communicating the results, for which assessment criteria were specifically developed for this project. The data reveal that the poster elements were appropriated by all groups, such as the configurations of the printed genre and adequacy to the scientific context. Regarding the oral presentation, most students appropriated relevant elements, such as scientific language, technical terms from the research, time management, and the development of non-linguistic resources (gestural, bodily, and prosodic). The study shows that the stages of preparation, production, and assessment of oral work foster the appropriation of scientific discourse, within a continuous and process-oriented perspective of learning oral genres in academic contexts.

Keywords: poster presentation; oral textual genres; academic literacies; oral assessment.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os letramentos acadêmicos são um amplo campo de pesquisa e, nos últimos anos, várias investigações foram realizadas sobre essa temática (Lea; Street, 1998; Assis, 2015; Bezerra; Lêdo, 2018). Os pesquisadores da área identificam, entre outras questões, a existência de conflitos entre as expectativas dos professores em relação às práticas de leitura, escrita e oralidade dos graduandos e aquelas que de fato eles trazem para o contexto acadêmico (Lea; Street, 1998; Fiad, 2015; Bezerra; Lêdo, 2018). Essa percepção evidencia que estudantes, recém-ingressos em cursos de graduação, como nas licenciaturas, precisam se apropriar de uma nova linguagem na universidade, o que é compreendido como “dificuldade” com o discurso acadêmico. Nesse contexto, a aprendizagem dos gêneros orais e escritos envolve práticas complexas e desenvolvimento de múltiplas capacidades linguísticas, cognitivas e socioculturais (Bezerra; Lêdo, 2018).

É nesse sentido que parte de cursos de graduação das universidades brasileiras, com o objetivo de minimizar tais “dificuldades”, contempla em seu currículo uma disciplina dedicada à prática de leitura e produção escrita de gêneros específicos do contexto acadêmico, conforme Assis (2015), tendo em vista os saberes e processos implicados nesta interação. Contudo, as práticas orais não costumam ser contempladas nessas disciplinas, sendo a presença de gêneros como artigos, resenhas e resumos os mais comuns.

Considerando tal contexto, Forte-Ferreira e Magalhães (2024) apontam que é fundamental reconhecer os gêneros orais do contexto acadêmico, o que pode contribuir tanto para a vida acadêmica e profissional dos licenciandos, quanto para o desenvolvimento de ações escolares efetivas futuramente. Nesse sentido, corroboramos a defesa de que é necessário inserir, nas licenciaturas, práticas de oralidade de forma contínua, sistematizada e reflexiva, juntamente às de leitura e escrita.

Dentre um conjunto variado de gêneros orais e escritos que circulam na esfera acadêmica, a apresentação oral de pôster é recorrente na graduação (Silva; Magalhães, 2023). Conforme Costa-Maciel; Ferreira; Bilro (2021), trata-se de produção acadêmica solicitada para participação em eventos científicos e, em menor escala, por docentes em disciplinas. Entretanto, há uma preocupação excessiva com a sistematização das regras do suporte textual do pôster (escrito), sem uma reflexão sobre o oral, cujo trabalho sistemático pode contribuir com o desenvolvimento da capacidade de linguagem dos licenciandos.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar a apropriação do gênero apresentação oral de pôster, por graduandos em Letras, em uma prática sistematizada de ensino de gêneros orais em

contexto acadêmico. A partir dessa premissa, traçamos os seguintes objetivos específicos: i) sistematizar as atividades de ensino do gênero apresentação oral de pôster; ii) estabelecer critérios de avaliação; e iii) analisar o resultado da apresentação oral do pôster pelos estudantes.

Assim, além desta introdução, discutimos as bases teóricas que fundamentam nossa discussão; a seguir, conceituamos a apresentação oral do pôster na sua relação fala-escrita. Na sequência, traçamos os procedimentos metodológicos utilizados no estudo. Posteriormente, apresentamos os dados coletados, a análise realizada, os resultados obtidos e as contribuições do projeto. Por fim, as considerações finais da nossa investigação trazem elementos sobre as repercussões do trabalho.

OS GÊNEROS ORAIS E OS LETRAMENTOS ACADÊMICOS

Dentre as variadas motivações para a implementação de projetos para ampliação das capacidades de linguagem de licenciandos em contexto universitário está a necessidade de discussão sobre as práticas de leitura, oralidade e escrita que não só possibilitem a atuação dos graduandos na universidade e no campo do trabalho, como também sejam referência para a prática profissional futura na escola básica. Elaborar estratégias para que graduandos possam vivenciar procedimentos diversificados na Educação Superior tem sido uma tarefa do nosso grupo de pesquisa. Nesse sentido, construímos atividades que pretendem ultrapassar a exposição de conteúdos e superar a ideia de que os alunos são apenas receptores passivos; buscamos construir ações mediadas na universidade (Cruz; Humbolt, 2016; Moretto, 2018), envolvendo gêneros acadêmicos orais e escritos, com base em diferentes perspectivas de estudos de linguagem.

Na vertente do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), a atividade de linguagem se organiza em forma de gêneros, categoria central neste viés teórico. De acordo com Bronckart (1999), os gêneros de texto são dotados de características comuns: estão inter-relacionados ao contexto em que são produzidos; possuem um modo de organização característico do seu conteúdo referencial; são compostos por frases articuladas de acordo com regras de composição mais ou menos estritas; e apresentam “mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna” (Bronckart, 1999, p. 71.).

Os gêneros de texto são de enorme importância porque medeiam as atividades coletivas de linguagem e propiciam o desenvolvimento humano (Bronckart, 1999). A apropriação dos gêneros orais e escritos é um aspecto fundamental para a socialização dos indivíduos e sua participação social, como no caso dos eventos científicos. Por isso, a abordagem de ensino leva em conta este constructo cuja aprendizagem se dá a partir de práticas sistematizadas em situações reais de interlocução. É fundamental então que as ações universitárias privilegiem o desenvolvimento da fala e da escrita pelos gêneros, visto que eles

[...] correspondem perfeitamente às exigências definidas por nossa concepção (de interação social) do desenvolvimento: são, a um só tempo, complexos e heterogêneos (mas fundados de certa maneira sobre uma heterogeneidade ‘integrada’), produtos sócio-históricos, definíveis empiricamente, além de serem instrumentos semióticos para a ação de linguagem. (Schneuwly, 2004, p. 115)

Os gêneros, dado esse seu caráter semiótico, são um importante constructo para as práticas de linguagem na universidade, uma vez que eles possibilitam o reconhecimento de elementos

linguístico-discursivos, sociais e culturais. A universidade implica “novas formas de saber: novas maneiras de compreender, interpretar e organizar o conhecimento” (Lea; Street, 1998, p. 157), o que necessita de novas aprendizagens. “O conhecimento dos gêneros ‘é capaz de ajudar alunos a desenvolver uma rica compreensão dos textos que lhes serão úteis durante sua vida acadêmica e profissional”. (Johns, 1997, p. 21, *apud* Bezerra, Lêdo, 2018, p. 147).

A aprendizagem dos gêneros acadêmicos não é realizada automaticamente ao entrar na universidade, onde a natureza social e cultural da escrita deve ganhar evidência na reflexão sobre a linguagem, natureza essa relacionada à multiplicidade das práticas letradas e aos papéis sociais assumidos pelos sujeitos em contextos sócio-históricos específicos (Street, 2014). Para Street, letramento é entendido como processos sociais “de leitura e escrita encaixados em relações de poder” (Street, 2014, p. 146) e, de fato, uma perspectiva reflexiva com os graduandos deve levar em conta o caráter social e cultural das práticas acadêmicas, rompendo com possíveis concepções de linguagem como neutra e técnica. Assim, a aprendizagem dos gêneros torna-se um desafio, sobre os quais pesquisadores diversos vêm se aprofundando (Fiad, 2015; Assis, 2015).

É nessa perspectiva que compreendemos a necessidade de maior exploração desta prática acadêmica. Letramento acadêmico pode ser entendido como um conjunto de práticas de escrita que propiciam um “olhar crítico e questionador para os eventos e práticas de letramento não só no contexto universitário, mas para o contexto acadêmico entendido de modo mais amplo, envolvendo, por exemplo, publicações em periódicos científicos e eventos científicos” (Fiad, 2015, p. 26). Essa reflexão crítica é muito necessária, visto que a imersão nos letramentos permite a participação das pessoas com seu repertório de usos da escrita, leitura e expressão oral em diferentes esferas da atividade humana (Vignoli; Ferrarini-Bigareli; Cristóvão, 2021).

Considerando que os gêneros são pré-constructos (Bronckart, 1999), que estão em avaliação e mudança permanente devido às demandas das atividades de linguagem, é comum que os membros mais experientes de um grupo integrem os iniciantes aos pré-construídos e seus esquemas de utilização próprios do ambiente sociocultural. Inserir os licenciandos em atividades orais acadêmicas permite reconhecer as “mudanças de gêneros e modos à medida que os alunos se movem entre trabalhos em grupo, expressão oral, tomadas de notas, apresentações, escrita mais formal etc.” (Bezerra; Lêdo, 2018, p. 147).

Uma das práticas orais mais comuns nas licenciaturas é a produção de seminários, conforme atestam alguns trabalhos (Bueno, 2008; Storto; Fonteque, 2021). Além dele, outros gêneros orais, como a apresentação do pôster, propiciam uma excelente oportunidade para lidar com o conhecimento científico de forma ativa. Eles permitem que os graduandos interajam com o conhecimento científico por meio da pesquisa, o que contribui com a formação crítica do professor. Sobre essa formação crítica, André (2016) afirma que é necessário repensar a estrutura dos cursos de graduação, mas sobretudo refletir as formas ou metodologias de ensino dos professores formadores. A formação requer uma concepção de professor crítico-reflexivo

que seja capaz de se debruçar sobre o trabalho profissional, compreender o que está acontecendo, problematizar aquela situação, buscar elementos para entendê-la melhor, dar inteligibilidade àquela situação, avaliar o que está bom, o que precisa melhorar, tomar a decisão de incorporar essas constatações feitas em um trabalho de reestruturação de sua prática (André, 2016, p. 32).

Nesse viés, a prática de pesquisa também contribui para que esses alunos problematizem a realidade escolar, identificando questões relevantes a serem investigadas, atitude que possibilita questionamentos sobre a realidade. Assumimos, então, que a inserção dos estudantes, da graduação e da licenciatura, em atividades de pesquisa e em gêneros acadêmicos, pode ser positiva para a formação.

A pesquisa científica possibilita uma mudança nas metodologias da universidade, em que o estudante assume a identidade de pesquisador iniciante, impulsionando o desenvolvimento de uma postura investigativa. Apesar de a pesquisa envolver uma diversidade de gêneros, os trabalhos no campo dos letramentos acadêmicos estão voltados para a prática da leitura e escrita. Devido a isso, novos trabalhos que articulam gêneros orais e letramentos acadêmicos têm sido desenvolvidos.

Dos estudos que trazem considerações sobre a oralidade no ensino superior, destacamos aqueles que superam a avaliação do conteúdo e levem em consideração os aspectos multimodais da fala: Zani (2018) buscou elaborar uma ferramenta didática para o ensino da comunicação oral em eventos científicos compreendendo suas implicações para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos; Forte-Ferreira; Santos e Noronha (2022) revelam ausência, na formação docente, da abordagem com gêneros orais, indicando que há uma compreensão superficial do conceito de oralidade; Bueno (2008); Storto; Fonteque (2021) e Silva; Magalhães (2023), dentre outros, identificam o seminário como o gênero oral mais solicitado nas práticas acadêmicas, mas não ensinado. Costa-Maciel; Forte-Ferreira; Bilro (2021) discutem os saberes envolvidos na apresentação oral em pôster, trabalho cuja abordagem é a mais detalhada em termos de saberes da oralidade encontrada até o momento.

O pôster acadêmico engloba uma multiplicidade de elementos na sua construção e apresentação. De acordo com Costa-Maciel; Forte-Ferreira e Bilro (2021), não há orientações para os alunos da graduação sobre os conhecimentos que devem ser mobilizados para a apresentação desse gênero. Construímos, então, uma compreensão desta prática de integração fala-escrita com o pôster, cuja caracterização abordamos em seguida.

A APRESENTAÇÃO ORAL DO PÔSTER: A RELAÇÃO FALA-ESCRITA

Apesar de a invenção da escrita representar um feito notável para a sociedade, que trouxe mudanças significativas para a vida das pessoas, atualmente não se sustenta mais a ideia de que a escrita é superior à fala (Marcuschi, 2001). A perspectiva dicotômica, que polariza as modalidades e está na base do mito de superioridade da escrita, concebia a fala como redundante, não-planejada, não normatizada e fragmentada. Debatida e superada por diversos estudiosos, evidencia-se, atualmente, que elas são modalidades de uso da língua que apresentam muitas relações, e suas diferenças “se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica entre dois pólos opostos” (Marcuschi, 2001, p. 37). Rompe-se, assim, com o mito de superioridade da escrita e seus efeitos cognitivos para a população.

Como consequência, principalmente para processos de aprendizagem dos gêneros orais, a relação de imbricação fala e escrita ganha foco: estabelecemos relações entre modalidades,

resguardadas suas especificidades. No caso da apresentação do pôster, a relação entre fala e escrita é tão evidente que confundimos o pôster com sua apresentação oral, como veremos em seguida.

A apresentação oral de pôster acadêmico é um gênero da oralidade, uma prática social (Marcuschi, 2001) cujo ensino deve se voltar para seus aspectos contextuais e configuracionais. A produção de um pôster acadêmico precisa partir de legítima pesquisa científica, comum na iniciação científica nas universidades. Os resultados vão culminar na sua socialização (em artigos, palestras, lives e comunicações orais, por exemplo); uma delas é a apresentação do pôster em eventos científicos com resultados referentes ao universo da Educação, no caso da nossa experiência relatada neste artigo, coerente com a ideia de que a prática de pesquisa leva os estudantes a uma visão mais crítica da escola.

Apesar de a pesquisa e sua divulgação ampliarem as experiências de graduandos, segundo Costa-Maciel; Forte-Ferreira e Bilro (2021), o que encontramos são regras gerais para a elaboração do suporte da fala, o pôster impresso. Evidenciando uma lacuna quanto ao ensino desse gênero, nosso projeto voltou-se para a investigação de sua apropriação em uma disciplina da graduação em Letras, no ano de 2023.

O pôster, também conhecido como banner é, segundo Pinton; Steinhorst e Barreto (2022) um gênero do campo de atuação jornalístico-midiático. É um material usado para divulgar eventos, produtos, causas e outros temas. Pode ser impresso em plástico, papel ou tecido para ser fixado em paredes, fachadas ou suportes, ou ainda ser compartilhado no meio digital. Apesar de não haver uma restrição específica em sua criação, o banner é frequentemente utilizado para promover estabelecimentos comerciais. Brasileiro (2021) nomeia este tipo como pôster técnico.

Já o banner acadêmico, aqui denominado pôster acadêmico, pode ser definido como um gênero do campo de atuação “Práticas de Estudo e Pesquisa”. As autoras assim o definem:

BANNER ACADÊMICO

Campo(s) de atuação: Práticas de Estudo e Pesquisa

Apresentação de um trabalho acadêmico que sintetiza informações, dados e referências bibliográficas utilizadas. Impresso em tamanhos maiores para ser exposto em ambientes coletivos a fim de viabilizar a socialização dos trabalhos. Como estrutura composicional possui introdução, justificativa, objetivos, materiais e métodos, discussão, resultados e referências bibliográficas. Geralmente, emprega ilustrações, gráficos e tabelas, tornando-o mais interativo, objetivo e sintético (Pinton; Steinhorst; Barreto, 2022, p. 14).

Vemos que o pôster acadêmico e sua apresentação são definidos como o mesmo gênero, ou seja, quando as autoras conceituam o pôster, igualam-no à sua apresentação oral. Contudo, há dois gêneros distintos, mas muito semelhantes e imbricados.

Para Lazzarin (2016), o pôster é um formato de comunicação científica em painel que resume visualmente os dados de uma pesquisa. Em eventos científicos, ele é exposto em sessões específicas para que o público possa interagir com os autores. Esse formato facilita a compreensão rápida das ideias centrais e pode incluir imagens, gráficos e tabelas para ilustrar o conteúdo, enquanto a presença dos autores reforça a clareza das informações apresentadas.

Na mesma linha, Moraes (2013) afirma que o pôster acadêmico, além de ser uma forma de inserção social, é também um gênero que pertence a uma classe de eventos comunicativos que se organizam a partir dos propósitos dos participantes. O autor o considera como um gênero de divulgação científica, cujo propósito comunicativo é o de divulgar uma pesquisa. Brasileiro (2021) também considera dois elementos: o pôster e sua apresentação, dando informações precisas sobre um e outro, incluindo dimensões físicas, configuracionais e de estilo do pôster. Dantas e Oliveira (2015), assim como os demais, indicam elementos para a produção do pôster e sua apresentação, diferenciando-os em duas fases.

Dionísio, Penha e Pinheiro (2015), atreladas aos estudos de Moraes (2013), evidenciam um aspecto importante sobre o gênero em estudo: para além da modalidade escrita, o pôster acadêmico revela outras modalidades da língua. As autoras consideram que a exposição oral/demonstração somadas à escrita são fundamentais para o sucesso da apresentação do pôster.

Apesar de Lazzarin (2016) considerar que o pôster é autossuficiente, ela defende que ele “transmite de forma rápida e clara, as ideias centrais do trabalho”, mas “a exposição oral aumenta a eficácia e o potencial da transmissão das informações” (Lazzarin, 2016, p. 28).

O que vemos é uma precisão no reconhecimento do pôster, mas uma imprecisão quanto à sua apresentação como gênero: Pinton; Sternhosrse e Barreto (2022) definem pôster incluindo a apresentação na conceituação; Lazzarin (2016), mesmo reconhecendo que o pôster é autônomo, informa que a fala o potencializa. E Moraes (2013), assim como Dionísio; Penha e Pinheiro (2015) indicam que o pôster se integra à modalidade oral, com os quais concordamos. Nenhum dos autores consultados, entretanto, define o pôster e a apresentação do pôster como dois gêneros distintos e semelhantes, mas como etapas de um processo.

Nessa ótica, compreendemos que é necessário repensar a definição dos gêneros em questão, pois não se trata apenas do impresso, uma vez que há necessidade de se recorrer à oralidade nos eventos. Araújo e Pimenta (2014) dão maior precisão a essa diferença, reforçando que o

texto presente no pôster acadêmico deve ser elaborado para um determinado evento comunicativo, adequando-o ao público, às possíveis interações e aos objetivos pretendidos, de modo que o ideal é que se recorra a mecanismos multimodais, evitando a ênfase no texto escrito e priorizando harmonia entre as modalidades verbo-visual e oral (Araújo; Pimenta, 2014, p. 114).

Desse modo, defendemos que para cumprir seus propósitos comunicativos, o pôster acadêmico, que já é um gênero multimodal, deve ser diferenciado de sua apresentação, considerando também os elementos da fala. Apesar de estarem imbricados, o pôster e sua apresentação são dois gêneros, um escrito, impresso/digital, que tem autonomia para circular sozinho, com informações completas, mas resumidas; já a apresentação oral, outro gênero muito semelhante ao primeiro, depende do impresso para se efetivar, sendo tal apresentação uma ampliação, com explicações, detalhamentos e informações que, muitas vezes, não estão no pôster. Sistematizamos essas ideias no quadro a seguir:

Quadro 1. Caracterização dos gêneros pôster e apresentação oral do pôster

Aspectos	Gênero pôster acadêmico impresso	Apresentação oral do pôster acadêmico
Modalidade	Gênero predominantemente escrito, com imagens, o pôster é impresso em papel, lona ou plástico; pode ainda ser digital, quando projetado em TV ou parede a partir de datashow, quando não há impressão.	A apresentação é oral, usando elementos gestuais, expressões faciais, voz, movimentos do corpo, etc., com base nos elementos (não)verbais do pôster.
Circulação	Disposto em eventos acadêmicos, pendurados ou colados em paredes e divisórias, agrupados em setores de eventos.	No momento da visitação de participantes ou avaliadores nos eventos, os apresentadores oralizam os elementos escritos e visuais do pôster, trazendo explicações, conceitos, dados e comentários.
Relação fala-escrita na circulação	O pôster circula sem a fala, mas a apresentação oral não ocorre sem o pôster.	
Configurações composticionais	Título, autores, introdução, pressupostos teóricos, metodologia, dados e resultados, considerações finais.	Na apresentação, há “etapas” a mais do que no pôster: abertura (cumprimentos), título, autores, introdução, pressupostos teóricos, metodologia, dados e resultados, considerações finais, perguntas ou esclarecimentos, fechamento (cumprimentos/despedida).
Interação com os leitores/ouvintes	O leitor/participante do evento lê o pôster (o que pode acontecer sem o apresentador).	Os pesquisadores apresentam oralmente o conteúdo do pôster, podendo o ouvinte realizar perguntas, esclarecer dúvidas, comparar resultados com sua própria pesquisa, trocar contatos, estabelecer parcerias, entre outros.
Conteúdo	Escrito no pôster, de forma completa, mas enxuta, abordando elementos fundamentais da pesquisa realizada.	Oralizado/falado no momento da visitação de participantes do evento, geralmente estendendo e ampliando o conteúdo escrito e imagético, como dados da pesquisa não incluídos no escrito (aspectos conceituais, metodológicos e analíticos da pesquisa), experiências pessoais, detalhamentos, dentre outros.
Figuras e imagens	Impressas no pôster para ilustrar o conteúdo escrito.	Apontadas pelas mãos dos apresentadores, explicadas oralmente para complementar os dados do pôster impresso/projetado
Critérios de avaliação	Referente aos elementos multimodais do pôster impresso.	Referentes aos elementos da oralidade, como voz, aspectos gestuais e corporais, relação entre texto do pôster e fala, dentre outros (ver seção de análise).

Fonte: elaborado pelas autoras

A partir da organização acima, compreendemos que o pôster acadêmico e sua apresentação são gêneros muito semelhantes e integrados; na apresentação oral, fala e escrita estão imbricadas de forma interativa. Costa-Maciel; Forte-Ferreira e Bilro (2021) ressaltam que, para a produção e apresentação oral, elementos típicos dos letramentos acadêmicos devem estar envolvidos, como gestos, tom de voz, entonação, ritmo, entre outros. A falta de uma reflexão explícita sobre a apresentação oral pode gerar medo, insegurança ou comportamentos inadequados para os

iniciantes principalmente. Trata-se de uma prática solicitada, mas que não é objeto de reflexão na trajetória acadêmica. As autoras ainda revelam que esse é um desafio recorrente, pois como a oralidade é vista como inata, sua aprendizagem reflexiva não costuma ser feita.

Nesse viés, para analisamos a apropriação do gênero apresentação oral de pôster por grupos de graduandos em Letras, construímos critérios de avaliação do gênero destacado, cujos procedimentos passamos a descrever na próxima seção.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa foi desenvolvida no âmbito de uma prática mais ampla, implementada de 2023 a 2025, semestralmente, em um projeto de ensino que enfoca reflexões sobre gêneros orais nos letramentos acadêmicos, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Linguagem, Ensino e Práticas Sociais (LEPS/UFJF). Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, em que produzimos sentido para as ações realizadas, contribuindo com experiências para minimizar os desafios dos licenciandos em suas produções orais.

São desenvolvidas práticas pedagógicas na graduação em Letras e Pedagogia com gêneros como seminários, *podcasts* de divulgação científica, apresentação oral de pôster, dentre outros. Contudo, damos enfoque aos gêneros orais, não apenas para sistematizar etapas de ensino, mas construir critérios de avaliação das produções, já que há poucos trabalhos que tematizem a avaliação da oralidade em Língua Portuguesa. Além disso, refletimos sobre aspectos ligados às produções acadêmicas, como elementos das situações de produção e relações de poder na academia. Nesta experiência, desenvolvemos uma ação com os graduandos do 4º período do curso de Letras/Língua Portuguesa, no 2º semestre de 2023 de uma universidade pública, com um total de 15 alunos, divididos em 5 grupos.

Para tanto, os estudantes realizaram uma pesquisa científica: foi proposta a elaboração de um roteiro de pesquisa envolvendo livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio, considerando eixos do ensino (leitura, escrita, oralidade, análise linguística), para posterior apresentação em eventos científicos. As autoras deste artigo (professora da disciplina e doutoranda) encaminharam a coleta de dados em variados semestres, selecionando, para este trabalho, os dados relativos ao ano de 2023. Para construir o *corpus*, foram elaborados diários de campo; além disso, usamos o pôster em PDF enviado pelos alunos para a análise.

Na seção seguinte, passamos a apresentar os dados, que foram interpretados à luz dos conceitos abordados, encaminhando reflexões analíticas relativas às etapas de ensino sistematizado e avaliação do gênero oral, bem como suas contribuições.

DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

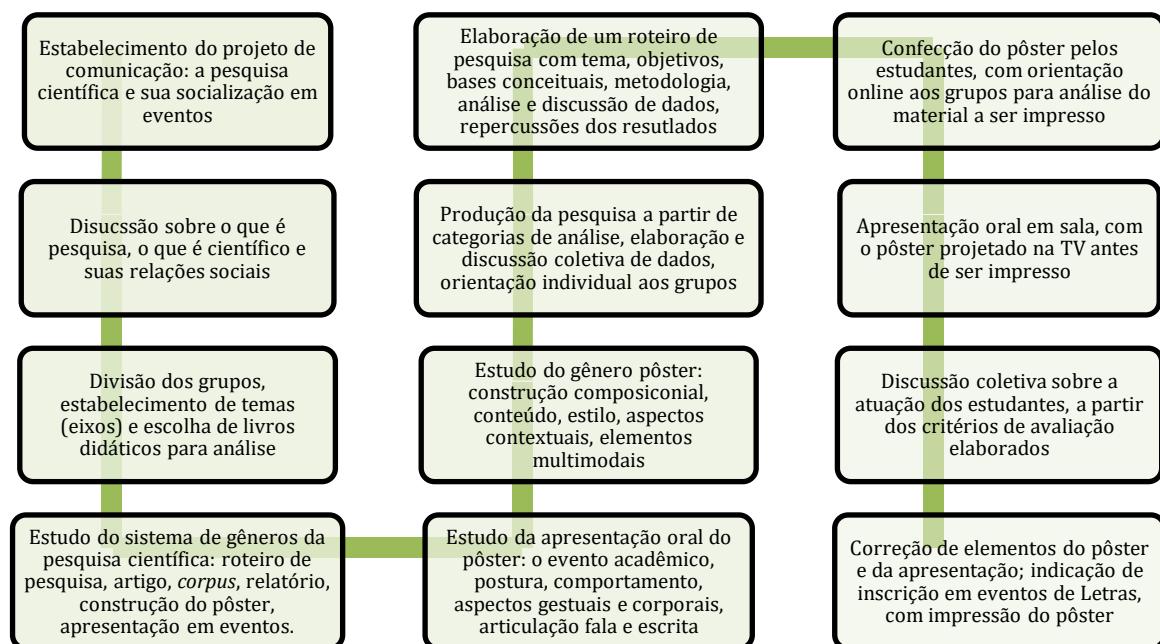
Nesta seção, que está dividida em três subseções, abordamos, conforme nossos objetivos, os elementos descritivos do ensino de gênero pôster e sua apresentação oral, os critérios de avaliação e o resultado da apresentação dos alunos.

AS ATIVIDADES DE ENSINO COM O GÊNERO PÔSTER NA GRADUAÇÃO EM LETRAS

As atividades foram realizadas ao longo de um semestre, de modo que os estudantes pudessem vivenciar todas as etapas de uma pesquisa científica. Ressaltamos que os graduandos nunca haviam realizado uma pesquisa (não havia estudantes de iniciação científica na turma), e também nunca haviam apresentado um trabalho em evento acadêmico, isto é, nenhum tinha experiência na elaboração e apresentação do pôster.

Assim, as atividades envolveram a reflexão sobre o que é pesquisa científica e as relações de poder entre áreas de conhecimento, assim como as práticas investigativas em Ciências Humanas, como a Educação. A figura abaixo sintetiza o percurso criado.

Figura 1. Etapas do projeto de ensino com base na pesquisa e sua divulgação em eventos



Fonte: elaborado pelas autoras

O encaminhamento de tantas etapas visa ampliar os conhecimentos dos gêneros científicos, informando-os sobre os elementos envolvidos nas produções acadêmicas. Sabemos que os universitários não dominam a linguagem acadêmica, quando se inserem na graduação, nem mesmo tiveram contato anterior com tais gêneros. No caso do seminário, é comum que os alunos já tenham feito apresentações orais na escola, mas na universidade, as exigências são mais aprofundadas. A condução de uma pesquisa e sua apresentação em evento deve ser uma prática mediada na graduação em função de critérios mais exigentes, diferenciando-se do que os já estudantes fizeram.

A pesquisa foi construída com todas as etapas: sob nossa supervisão, os alunos escolheram um eixo de ensino, criaram objetivos, aprofundaram na pesquisa documental; além disso, selecionamos categorias de análise que contribuíram para examinar de que modo o manual abordava as atividades; por exemplo, no caso da presença do debate em um manual: havia uma etapa de reconhecimento do gênero? Havia discussão sobre o estilo de linguagem? Foram

definidos papéis para mediador do debate, assim como debatedores? O tempo para a fala foi estabelecido? A finalidade do debate foi explicitada no manual? Elementos sobre fala polida foram enfocados? Os critérios de avaliação do debate estavam explicitados? Essas considerações, feitas para os estudantes elaborarem suas análises, estão coerentes com o que André (2016) postula para a formação do professor na perspectiva investigativa: uma visão crítica das práticas.

Todo esse percurso de condução da pesquisa foi necessário para que os licenciados fossem capazes de construir uma efetiva compreensão sobre as atividades de investigação, tendo chances de uma boa atuação em eventos. O acompanhamento das produções dos graduandos antes da apresentação final visa romper com o discurso do *déficit* (Fiad, 2015), em que docentes universitários supõem que os alunos já deveriam ter sucesso nas atividades de linguagem acadêmica, uma vez que já sabem falar, ler e escrever quando ingressam na universidade. Assim, primamos pelo desenvolvimento dos graduandos, não enfocando apenas o resultado, mas o processo. Vale destacar que, após a realização da pesquisa, feita pelos estudantes, ao longo de várias aulas, uma delas tratou apenas da construção do pôster e, outra, da sua apresentação oral, enfocando elementos corporais, gestuais e prosódicos, para refletirem sobre oratória, tirarem suas dúvidas e reconstruírem memórias negativas de aprendizagem da oralidade na escola básica.

Já as etapas “Apresentação oral em sala, com o pôster projetado na TV antes de ser impresso” e, após ela, a “Discussão coletiva sobre a atuação dos estudantes, a partir dos critérios de avaliação elaborados” foram muito produtivas, pois os universitários puderam perceber o que ainda não estava tão aprimorado na fala, a fim de se corrigir e, num evento, aperfeiçoá-la.

OS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO PARA A APRESENTAÇÃO ORAL DO PÔSTER

Como sabemos, na apresentação oral do pôster, há integração de elementos linguísticos e não-linguísticos para comunicar, que serão compreendidos pelos ouvintes como uma unidade de sentidos: expressões faciais, movimentos dêiticos com as mãos indicando elementos do pôster, movimentos corporais e gestos, altura da voz, ritmo, tom audível, ênfases na voz, uso do espaço físico e vestimentas são aspectos que interferem no (in)sucesso da apresentação do pôster.

A avaliação da oralidade não é uma temática amplamente discutida. Segundo Araújo e Suassuna (2020), são poucos os trabalhos que se destinam à elaboração de critérios para avaliar as produções orais. Assim, a fim de colaborar com a continuidade da pesquisa de Costa-Maciel; Forte-Ferreira e Billo (2021), elaboramos os critérios abaixo para avaliar as produções orais dos alunos.

Vale destacar que tomamos avaliação numa perspectiva discursiva, que não se relaciona a “dar nota”, mas em examinar um processo ao longo da aprendizagem. Nessa abordagem, a avaliação está vinculada a uma transformação das capacidades dos estudantes. O foco do trabalho docente é identificar elementos ainda não desenvolvidos e buscar estratégias para superá-los. Segundo Marcuschi e Suassuna (2007), essa perspectiva é processual, e a adotamos pela seguinte razão: como era a primeira vez que os estudantes produziriam um pôster para apresentação de resultado de pesquisa, avaliamos todo o processo de desenvolvimento para, então, culminar na produção oral. A expectativa não era que todos os estudantes se desenvolvessem plenamente já

para a 1ª apresentação, feita em sala; esta atividade funcionou como um exercício para futuras apresentações, em eventos científicos.

Durante as produções, conseguimos identificar fragilidades, indicando o que deveria ser aprimorado para a apresentação em eventos. Tais critérios, apresentados abaixo, elaborados com base em elementos multimodais, adaptados especificamente para o pôster, podem fornecer elementos para orientar novas práticas docentes.

Quadro 2. Critérios de avaliação da apresentação oral do pôster

CRITÉRIOS	DETALHAMENTO
Contexto sociosubjetivo: adequação ao gênero, ao propósito da situação comunicativa (divulgação científica), ao emprego dos mecanismos de textualização e de enunciação e ao público-alvo	formalidade uso de termos técnicos (científicos) domínio de conteúdo relação coerente entre objetivo, metodologia e dados contribuição da apresentação para a formação docente, seja para os apresentadores (graduandos-pesquisadores), seja para os interagentes (graduandos ou pesquisadores da área)
Plano textual da apresentação oral (articulado ao pôster)	introdução com tema e objetivo questões teóricas: discussão sobre ensino de LP, eixo escolhido e adequação temática do LD ao público (EF II ou EM) questões teóricas: conceitos centrais da pesquisa (oralidade, leitura, escrita, gênero enfocado no LD analisados, relação com a BNCC) metodologia dados e análise, categorias de análise, resultados e repercussões conclusão – retorno ao objetivo, dificuldades e contribuições mínimo 15 e máximo 20 minutos divisão da fala entre os componentes do grupo
Tempo	gestos e adequação entre a fala e o pôster impresso tom de voz, fluência (pequena quantidade ou ausência de reparos, hesitações e alongamentos de vogais) e velocidade da fala adequadas
Meios não verbais da comunicação oral Grau de espontaneidade (apresentação científica: pouco espontânea, muito preparada e previsível em aspectos das seções do pôster e do conteúdo)	uso do espaço físico olhar para toda a plateia (e não só para o professor/avaliador) fala coordenada entre os expositores (troca de turnos adequada que não sugere improvisação ou falta de preparo) adequação da linguagem ao evento científico (ausência de termos ou exemplos de senso comum) exemplos previamente elaborados - relação precisa entre elementos do pôster e fala, sem inserção de conteúdos aleatórios e não previstos
Elementos visuais do pôster	cabecalho (título, autores e instituição), introdução, pressupostos teóricos, metodologia, dados, considerações finais, referências qualidade da apresentação visual do pôster (tamanho da letra, cor, organização em colunas e imagens adequadas ao texto verbal)

Fonte: elaborado pelas autoras

A avaliação da oralidade envolve os aspectos contextuais e perpassa elementos não linguísticos, chegando aos itens específicos visuais do pôster impresso. Como os critérios estão numa tabela unidimensional, esclarecemos que as características do 1º conjunto (contexto sociossubjetivo) se referem a todos os outros elementos. Por exemplo, embora formalidade e uso de termos técnico-científicos estejam no 1º agrupamento de critérios, ele perpassa os demais, sendo por isso, colocado em uma moldura em destaque colorido, para representar esse atravessamento entre os demais elementos dos outros agrupamentos.

Tais critérios de avaliação deixam claro para os licenciandos o que é necessário fazer, indicando itens que não podem faltar. Discutimos com os estudantes cada um desses elementos, tanto nas orientações aos grupos, de forma *online*, quanto após as apresentações em sala. A discussão visou explicitar que o ensino, a aprendizagem e a avaliação se integram num trabalho processual e contínuo na apropriação dos gêneros.

Nosso trabalho foi inspirado em outras pesquisas, que indicam uma avaliação da oralidade em contexto acadêmico, englobando não apenas o conteúdo, mas os itens não verbais da interação. No trabalho de Storto e Fonteque (2021) são traçados elementos ricos e detalhados para a avaliação do seminário, a partir do qual realizamos adaptações para a especificidade do pôster. Salientamos que nossas pesquisas precisam ampliar a avaliação das produções orais mediadoras dos letramentos acadêmicos, com critérios para cada um dos gêneros adotados para o ensino.

Ao encontro do que afirmam Melo e Cavalcante (2007), a avaliação da oralidade é um desafio, com poucas produções, apesar da sua enorme relevância. As autoras construíram um trabalho de análise do oral em contexto escolar, referenciado em uma concepção interacionista. Dessa maneira, com elementos específicos para a apresentação do pôster, pudemos problematizar com os licenciandos, após cada apresentação em sala, tópicos que geraram mais dificuldades, critérios com os quais eles concordavam ou não, dentre outras ações que fazem parte de uma perspectiva de avaliação como discurso (Suassuna, 2007). Essa concepção sustenta uma prática dialogada, que passamos a comentar na seção seguinte.

RESULTADO DAS APRESENTAÇÕES REALIZADAS PELOS ESTUDANTES

Nesta seção, discutimos os resultados das apresentações, focalizando a apropriação dos elementos da apresentação oral dos grupos, com base nos critérios acima, além de trazer observações individuais sobre os licenciandos. Conforme mencionado, nenhum deles havia produzido um pôster e nem apresentado resultados de pesquisa em eventos. Desse modo, partimos para o ensino do gênero oral, a partir de suas experiências pregressas com seminários na universidade e apresentações orais na escola.

Quadro 3. Atuação dos estudantes na apresentação oral do pôster

CRITÉRIOS	DETALHAMENTO	G1	G2	G3	G4	G5
Contexto sociosubjetivo: adequação ao gênero, ao propósito da situação comunicativa (divulgação científica), ao emprego dos mecanismos de textualização e de enunciação e ao público-alvo	formalidade uso de termos técnicos (científicos) domínio de conteúdo relação coerente entre objetivo, metodologia e dados contribuição da apresentação para a formação docente, seja para os apresentadores (graduandos-pesquisadores), seja para os interagentes (graduandos ou pesquisadores da área)	X X X X X		X X X X	X X X X	X X
Plano textual da apresentação oral (articulado ao pôster)	introdução com tema e objetivo questões teóricas: discussão sobre ensino de LP, eixo escolhido e adequação temática do LD ao público (EF II ou EM) questões teóricas: conceitos centrais da pesquisa (oralidade, leitura, escrita, gênero enfocado no LD analisados, relação com a BNCC) metodologia dados e análise, categorias de análise, resultados e repercussões conclusão – retorno ao objetivo, dificuldades e contribuições		X X X X X	X X X X	X X X X	X X
Tempo	mínimo 15 e máximo 20 minutos divisão da fala entre os componentes do grupo	X X	X X	X X	X X	X X
Meios não verbais da comunicação oral	gestos e adequação entre a fala e o pôster impresso tom de voz, fluência (pequena quantidade ou ausência de reparos, hesitações e alongamentos de vogais) e velocidade da fala adequadas uso do espaço físico olhar para toda a plateia (e não só para o professor/avaliador)		X X X X	X X X X	X X X X	X X
Grau de espontaneidade (apresentação científica: pouco espontânea, muito preparada e previsível em aspectos das seções do pôster e do conteúdo)	fala coordenada entre os expositores (troca de turnos adequada que não sugere improvisação ou falta de preparo) adequação da linguagem ao evento científico (ausência de termos ou exemplos de senso comum) exemplos previamente elaborados - relação precisa entre elementos do pôster e fala, sem inserção de conteúdos aleatórios e não previstos	X X	X X X	X X X	X X X	X X
Elementos visuais do pôster	cabeçalho (título, autores e instituição), introdução, pressupostos teóricos, metodologia, dados, considerações finais, referências. qualidade da apresentação visual do pôster (tamanho da letra, cor, organização em colunas e imagens adequadas ao texto verbal)	X X	X X	X X	X X	X X

Fonte: elaborado pelas autoras

A partir da elaboração do quadro acima, passamos para discussão dos aspectos (não) alcançados. Apesar de termos feito uma minuciosa sequência de trabalho, vemos que a apropriação dos aspectos é processual, e não imediata, já que nem todos os critérios foram atingidos, o que revela dificuldades ainda a serem superadas pelos licenciandos. Isso mostra que a “apropriação e internalização de experiências acumuladas pela sociedade ao longo da história” (Dolz; Schneuwly; Haller, 2004, p. 168), como o discurso acadêmico, é contínua.

Os grupos G1, G4 e G5 foram aqueles que atingiram o maior número de critérios na apresentação, demonstrando segurança, domínio de conteúdo, usando aspectos não linguísticos de forma pertinente (elementos corporais, faciais e prosódicos), tempo e divisão das falas adequados, boa relação entre fala, roteiro e pôster, troca de turnos apropriada. Isso evidenciou que a fala foi planejada, exercitada e não improvisada. Os estudantes, mesmo produzindo o gênero pela primeira vez, aproveitaram todas as informações da aula. Além disso, os 5 grupos cumpriram de forma exemplar todos os elementos visuais e linguísticos do pôster impresso, que foi sendo aperfeiçoado ao longo das orientações *online* com os grupos. Nessas orientações, ficou claro que, como afirmam Bezerra e Ledo (2018), o conhecimento sobre os gêneros pode contribuir para uma melhor atuação nas práticas acadêmicas.

Os integrantes do G2, por exemplo, não desenvolveram todos os elementos do item “aspectos da adequação do gênero ao propósito comunicativo”, como formalidade, uso de termos técnicos, domínio de conteúdo, relação entre objetivo, metodologia e dados e contribuições para a formação docente. Além disso, a divisão do tempo de fala entre os integrantes foi desigual, de forma que um estudante fez quase toda a exposição oral, por ser o melhor orador, e os demais, que demonstravam menor fluência, pouco contribuíram, apesar de o grupo cumprir o tempo mínimo estipulado. Essa prática de divisão desigual entre os falantes é bastante comum em escolas, em função de vergonha, medo e timidez para falar em público. Com este aspecto ressaltado na nossa avaliação dialogada, ao final da apresentação, eles puderam perceber o ocorrido e falar sobre as dificuldades: declararam falta de tempo para estudo e insegurança com a própria fala.

Em relação ao domínio de conteúdo, G5 também apresentou, como o G2, bastante informalidade e menor preparação de uma das integrantes. Em relação ao domínio de conteúdo, G5 não demonstrou preparação e, então, o tempo mínimo de apresentação não foi atingido. Os integrantes do G3 também deixaram a desejar na discussão teórica, que precisava ser mais aprofundada nos conceitos centrais da pesquisa a partir do eixo escolhido (oralidade, gêneros orais e fala) e relação com a BNCC. Na discussão final, refletimos com os estudantes que, no seminário, as informações estão nos *slides* e vão sendo lidas e explicadas; então, eles se sentem mais seguros, porque podem criar muitos *slides*, já que não há um limite numérico. Contudo, no pôster, as informações são reduzidas, o que leva os alunos a terem que dominar os conceitos e usar um roteiro nas mãos para consulta, o que não aconteceu com os alunos do G5. Desse modo, houve pouca ênfase na teoria e muito enfoque no livro didático, que era o conteúdo mais dominado. Além disso, no G3, houve apoio excessivo no roteiro em mãos, com poucas falas memorizadas e muita leitura; com pouco domínio do conteúdo, a fala ficou curta e insuficiente. Na discussão sobre fundamentos teóricos, mostramos aos estudantes que, na universidade, há “novas formas de saber: novas maneiras de compreender, interpretar e organizar o conhecimento” (Lea; Street, 1998, p. 157)

G2 e G5 também foram os grupos que apresentaram mais dificuldades em aspectos não linguísticos da fala, como tom de voz, fluência, velocidade, além de gestos e adequação entre a fala e o pôster projetado, o que coincide com a timidez e o medo relatados pelos integrantes. Nesses grupos, um aluno fazia muitos alongamentos de vogais (é::::) e muitos reparos e autocorreções na fala, sugerindo uma falta de preparo e “busca por palavras”, ao mesmo tempo que se desorganizaram na relação entre a fala e roteiro nas mãos, demonstrando improviso. Conforme estabelecem Costa-Maciel; Forte-Ferreira e Bilro (2021), a aprendizagem da oralidade não é

espontânea, e várias produções são necessárias para ultrapassar a concepção de que, se já sabemos falar, sabemos nos comunicar em qualquer situação oral.

A questão da timidez e do medo de falar em público, muito recorrente quando pesquisamos a oralidade, pode ser minimizada quando criamos um ambiente acolhedor, em que os universitários conseguem compreender que uma apresentação oral é um momento de aprendizagem da fala pública, e não de julgamento ou mera atribuição de nota. Logo, mesmo que a timidez persista, quando o ambiente é mais propício ao diálogo e à explicitação das próprias dificuldades, eles se sentem mais seguros e encorajados ao uso da fala acadêmica, possivelmente minimizando dificuldades.

Ressaltamos ainda que, nos momentos de avaliação dialogada das apresentações, os graduandos relatam experiências muito negativas vividas na sua própria escolarização, como falta de mais espaços para desenvolver a fala e oportunidades de superar as dificuldades, falta de avaliação do professor sobre as apresentações, retornos ríspidos (um dos alunos relatou que, após as apresentações, os professores “esculachavam” os estudantes ainda em pé, na frente da sala, com risos e deboches daqueles que não eram alvo no momento), entre outras experiências em que a falta de polidez, empatia e ambiente seguro para o desenvolvimento da oralidade imperaram. Dessa maneira, implementar momentos de diálogo na avaliação oral na universidade pode sensibilizar os licenciandos a mudarem suas futuras práticas nas escolas, criando trocas sobre as próprias dificuldades e construindo respeito entre colegas para lidar com os medos e inseguranças ainda não vencidos.

Os integrantes do G1 também foram advertidos sobre a necessidade de melhor articulação entre a fala (de um aluno que não tinha papel impresso na mão, mas um celular) e o pôster. Essa consulta ao roteiro é necessária, mas a articulação que o aluno tentou fazer entre os dados no celular e o pôster ficou bastante confusa, pois ele se mostrava “perdido” em relação às informações consultadas no aparelho. Orientamos que ele levasse, então, um papel impresso, com as informações em lista já previamente ensaiadas, inclusive para exercitar a troca de turnos com os colegas e a ordem das falas, para não haver nem repetições nem lacunas, nem inserções não planejadas que pudesse estender demais o tempo.

Outro aspecto que merece relevo é a falta de contextualização inicial do objeto, na introdução, apresentada pelo G1, quando os licenciandos precisavam mencionar o tema, o eixo de LP, o objetivo da pesquisa, incluindo breve descrição do LD, ano de escolarização, dentre outros (mesmo com essas informações no pôster, elas não foram faladas). Além disso, a articulação entre objetivos e considerações finais ficou bastante frágil. Em relação às considerações finais, detectamos que esta é uma dificuldade recorrente dos alunos, que repetem os conteúdos anteriormente citados, sem capacidade de fazer sínteses e generalizações a partir dos dados analisados nos LDs e suas repercussões para a formação docente.

Por fim, consideramos que o resultado da apresentação oral em pôster pelos graduandos, com base nos critérios de avaliação selecionados, mostra aspectos positivos e promissores na experiência de produção oral do gênero. Contudo, nem todos os critérios foram atendidos por todos os grupos, o que revela que o desenvolvimento da fala pública precisa de um procedimento sistemático e contínuo de intervenções ao longo da graduação, a partir da seleção de características claras e definidas dos gêneros orais escolhidos (Dolz; Schneuwly; Haller, 2004). Ademais, quando

percebemos as dificuldades dos alunos, como fazer sínteses, articular o oral e o escrito, desenvolver fluência, podemos incidir nesses itens, criando exercícios e materiais didáticos para futuras intervenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos uma prática sistematizada de produção, apresentação e avaliação da exposição oral do gênero pôster. Apoando-nos em uma pluralidade de contribuições, construímos um projeto de ensino com critérios para a avaliação, que consideramos adequados e produtivos para nossa intervenção, envolvendo elementos diversificados da multimodalidade do oral.

Em relação à sistematização do projeto, buscamos superar a prática comum já problematizada de apenas solicitação de trabalhos aos graduandos sem uma efetiva mediação. Assim, a organização de uma sequência de ensino deixa mais claro o caminho a ser percorrido por docentes na demanda aos estudantes: é necessário o cumprimento de etapas de análise e ensino do pôster, mas também da sua apresentação oral, de modo que os alunos saibam agir. Dessa maneira, comprehende-se que, apesar de saber falar e escrever, um gênero novo requer aprendizagens novas.

No que se refere aos critérios de avaliação, consideramos que a apresentação oral de pôster é importante para a formação científica do graduando, sendo fundamental realizar reflexão e análise da oralidade neste contexto, mas também uma reflexão sobre critérios específicos para a apresentação oral, a fim de superar o estabelecimento de itens muito genéricos pertinentes somente ao pôster impresso e ao conteúdo da apresentação. A partir de situações discursivas reais, temos a possibilidade de dialogar para que os alunos se apropriem de diversificados parâmetros avaliativos do oral de forma intencional.

Em relação aos resultados, vimos que a elaboração de etapas para a aprendizagem gerou apropriação do pôster, já que os estudantes conseguiram elaborá-lo de forma plena, desde o cabeçalho até as referências finais, incluindo figuras e tabelas. Já em relação à apresentação, a maior parte se apropriou dos elementos orais, sendo as maiores dificuldades o uso de termos técnicos e formalidade próprios do contexto científico, como conceitos e domínio de conteúdos; e uso de tempo menor que o solicitado. Além disso, aspectos como tom de voz e fluência oral não foram ainda apropriados por todos, conforme mencionamos anteriormente, mas foram foco de reflexão na avaliação.

Nessa direção, entendemos que esse estudo contribui para as práticas de formação docente, a fim de flexibilizar as formas mais canônicas de interação em sala de aula, em que há exposição do docente para os estudantes (que “recebem” um saber). A vivência mostrou outras maneiras de aprendizagem, para além da produção de seminários, dando margem ainda para a participação em eventos científicos, após pesquisa desenvolvida ao longo de um semestre, como uma oportunidade para os graduandos efetivamente apreciarem novamente suas práticas orais.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. (org.). Formar o professor pesquisador para um novo desenvolvimento profissional. In: ANDRÉ, Marli (org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2016. Cap. 1. p. 17-34.
- ARAÚJO, J; PIMENTA, A. A. Aspectos multimodais da escrita acadêmica em pôsters de bolsistas da UFC: a construção de significados nesse gênero escrita. Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.5, n. 2, p.106-122, maio/ago. 2014. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1378/pdf_254 Acesso em: 03 dez. 2023
- ARAÚJO, F. S.; SUASSUNA, L. Critérios para a avaliação da oralidade no ensino de língua portuguesa. **Letras**, Santa Maria, v. Especial, p. 97–112, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148538796> Acesso em: 03 dez. 2023
- ASSIS, J. A. (org.). "Eu sei mas não consigo colocar no papel aquilo que sei": representações sobre textos acadêmicos científicos. In: RINK, F; BOCH, F; ASSIS, J. A. (Org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas: Mercado de Letras, 201. p. 423-454.
- BEZERRA, B. G; LÊDO, A. C. O. Gêneros acadêmicos e processos de letramento no ensino superior. In: PEREIRA, R. C. M. (Org.). **Escrita na universidade**: panoramas e desafios na América Latina. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2018. p. 173-205.
- BRASILEIRO, A. M. M. Principais trabalhos acadêmico-científicos. In: BRASILEIRO, A. M. M. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Editora Contexto, 2021. p. 199-203.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- BUENO, L. Gêneros orais: elementos linguísticos e não-linguísticos. In: I SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. I, 2008, São Paulo. **Anais do I SIMELP** –. São Paulo: FFLCH/USP, 2008, p. 1-10.
- COSTA-MACIEL, D. A. G.; FORTE-FERREIRA; E. C; BILRO, F. K. Saberes discentes mobilizados na produção e na apresentação do gênero exposição de pôster acadêmico. In: MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L. COSTA-MACIEL, D. A. G. **Oralidade e gêneros orais**: experiências na formação docente. Campinas: São Paulo: Editora Pontes, 2021. p. 25-50.
- CRUZ, G. B.; HOBOLD, M. S. Práticas formativas de professores de curso de licenciatura: diferentes estratégias para ensinar (ISBN 978-85-449-0149-6). In: ANDRÉ, M. (Org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas: Papirus, 2016. p. 237-262.
- DANTAS, L. M. V; OLIVEIRA, A. A. **Como elaborar um pôster acadêmico**: material didático de apoio à vídeo-dica Pôster Acadêmico. Cachoeira: UFRB, 2015 Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/materialdidatico/como_elaborar_pster.pdf Acesso em: 03 dez. 2023.
- DIONISIO, A. P.; PENHA, A. C. G.; PINHEIRO, N. F. Gêneros em debate: pôsteres acadêmicos. ENCONTRO GÊNEROS NA LINGUÍSTICA E NA LITERATURA, 2013. Recife. **Anais eletrônicos do IV Encontro Gêneros na Linguística e na Literatura**. Recife: Pipa

Comunicação, 2015. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/16cmvyn27oM1P1GexAhLWtjjv19LvAW4o/view> Acesso em: 03 dez. 2023.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 125-155.

FIAD, R. S. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. **Pensares em Revista**, [S. l.], n. 6, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaremrevista/article/view/18424>. Acesso em: 15 out. 2024.

FORTE-FERREIRA, E. C.; MAGALHÃES, T. G. Ensino e avaliação da oralidade na formação docente em diferentes licenciaturas. **Delta**, v. 40, n. 4, p. 1-25, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460x202440468757>. Acesso em: 03 dez. 2025.

FORTE-FERREIRA, E. C; SANTOS, R. I. A.; NORONHA, L. A. Formação docente e o ensino da oralidade: entre concepções e práticas em sala de aula. **Revista Interfaces**, Guarapuava, v. 13, n. 2, p. 82-101, 2022. Disponível em: https://revistas3.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7159 Acesso em: 03 dez. 2023.

LAZZARIN, L. F. **Introdução à escrita acadêmica**. [recurso eletrônico]. Santa Maria: UFSM, NTE, UAB, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15825/Licenciatura_Educacao_Especial_IntroducaoEscritAcademica.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 03 dez. 2023.

LEA, M. R; STREET, B. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in higher education**, v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, B.; SUASSUNA, L. **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Autêntica, 2007. p. 11-26. Disponível m: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/Clientes/ceel/arquivos/8.pdf> Acesso em: 03 dez. 2023.

MELO, C. T. V. de; CAVALCANTE, M. C. B. Superando os obstáculos de avaliar a oralidade. In: MARCUSCHI, B.; SUASSUNA, L. (Orgs.). **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 75-93.

MORAES, A. Pôster acadêmico: um evento multimodal. ENCONTRO GÊNEROS NA LINGUÍSTICA E NA LITERATURA, 2013. Recife. **Anais eletrônicos do IV Encontro Gêneros na Linguística e na Literatura**. Recife, v. 9, s/n, p. 1-9, 2013. Disponível em: <https://www.slideserve.com/jerry-mccormick/p-ster-acad-mico-um-evento-multimodal-de-divulga-o-cient-fica> Acesso em: 03 dez. 2023.

MORETTO, M. Desenvolvimento profissional a partir de um grupo colaborativo: uma discussão sobre a formação de professores de língua portuguesa. In: MORETTO, M.; WITTKE, C. I.; CORDEIRO, G. S. (orgs.). **Dialogando sobre as (trans)formações docentes**: (dis)cursos sobre a formação inicial e continuada. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p.153-170.

PINTON, F. M.; STEINHORST, C.; BARRETO, T. **Glossário de gêneros e suportes textuais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** [recurso eletrônico] Santa Maria, RS: UFSM, Pró Reitoria de Extensão, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28410/Gloss%C3%A1rio%20de%20g%C3%AAneros%20e%20suportes%20textuais%20da%20Base%20Nacional%20Comum%20Curricular%20%28BNCC%29.pdf?sequence=1> Acesso em: 03 dez. 2023.

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 109-124.

SILVA, A. A.; MAGALHÃES, T. G. Gêneros orais em contexto acadêmico: práticas comuns em disciplinas de graduação. In: Anair Valênia Martins Dias e Fabíola Sartin Dutra Parreira Almeida (Orgs.). **Estudos decoloniais e multiletramentos**: diálogos em evidência na sociedade contemporânea. Editora Mercado de Letras, 2023, p. 223-256.

STORTO, L. J.; FONTEQUE, V. S. Trabalho com a oralidade na formação docente inicial: implementação de uma sequência de atividades sobre seminário. In: MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. (Org.). **Oralidade e gêneros orais**: experiências na formação docente. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 75-97.

STREET, B.V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SUASSUNA, L. Instrumentos de avaliação em língua portuguesa: limites e possibilidades. In: MARCURSCHI, B.; SUASSUNA, L. (org.). **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 111-126. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/8.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2023.

VIGNOLI, J. C. S.; FERRARINI-BIGARELI, M. A; CRISTOVÃO, V. L. L. Letramentos acadêmicos: repertórios de percepções de gestores de universidades públicas paranaenses e experiências prático-investigativas. **Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, [S.L.], v. 37, n. 3, p. 1-33, fev. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460x202155381>. Acesso em: 03 dez. 2023.

ZANI, Juliana Bacan. **A comunicação oral em eventos científicos**: uma proposta de modelização para a elaboração de sequências didáticas. 2018. 303 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade São Francisco. Itatiba, 2018. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/1059325007317955.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

Recebido em: 10 de outubro de 2025

Aprovado em: 14 de novembro de 2025